

SÉRGIO RODRIGUES DE SOUZA

A SAUDADE COMO UM ELEMENTO EXISTENCIAL HUMANO

SÉRGIO RODRIGUES DE SOUZA

A SAUDADE COMO UM ELEMENTO EXISTENCIAL HUMANO



2022 – Editora Unigala

www.unigala.com.br
editoraunigala@gmail.com

Autor

Sérgio Rodrigues de Souza

Editor Chefe: Jader Luís da Silveira

Editoração e Arte: Resiane Paula da Silveira

Imagens, Arte e Capa: Freepik/Uniesmero

Revisão: O Autor

Conselho Editorial

Ma. Tiaty Michelle Gonçalves da Silva, Secretaria de Estado do Distrito Federal, SEE-DF

Ma. Jaciara Pinheiro de Souza, Universidade do Estado da Bahia, UNEB

Dra. Náyra de Oliveira Frederico Pinto, Universidade Federal do Ceará, UFC

Ma. Emile Ivana Fernandes Santos Costa, Universidade do Estado da Bahia, UNEB

Me. Rudvan Cicotti Alves de Jesus, Universidade Federal de Sergipe, UFS

Me. Heder Junior dos Santos, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, UNESP

Ma. Dayane Cristina Guarnieri, Universidade Estadual de Londrina, UEL

Me. Dirceu Manoel de Almeida Junior, Universidade de Brasília, UnB

Ma. Cinara Rejane Viana Oliveira, Universidade do Estado da Bahia, UNEB

Esp. Jader Luís da Silveira, Grupo MultiAtual Educacional

Esp. Resiane Paula da Silveira, Secretaria Municipal de Educação de Formiga, SMEF

Sr. Victor Matheus Marinho Dutra, Universidade do Estado do Pará, UEPA

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

S729s Souza, Sérgio Rodrigues de
A Saudade como um Elemento Existencial Humano / Sérgio Rodrigues de Souza. – Formiga (MG): Editora Unigala, 2022. 34 p. : il.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-995692-6-5

DOI: 10.5281/zenodo.6600900

1. Saudade. 2. Elemento. 3. Existencial. 4. Humano. I. Souza, Sérgio Rodrigues de. II. Título.

CDD: 121.6

CDU: 14

Os artigos, seus conteúdos, textos e contextos que participam da presente obra apresentam responsabilidade de seus autores.

Downloads podem ser feitos com créditos aos autores. São proibidas as modificações e os fins comerciais.

Proibido plágio e todas as formas de cópias.

Editora Unigala

CNPJ: 35.335.163/0001-00

Telefone: +55 (37) 99855-6001

www.unigala.com.br

editoraunigala@gmail.com

Formiga - MG

Catálogo Geral: <https://editoras.grupomultiatual.com.br/>

Acesse a obra originalmente publicada em:

<https://www.unigala.com.br/2022/05/a-saudade-como-um-elemento-existencial.html>



**A SAUDADE COMO UM ELEMENTO EXISTENCIAL
HUMANO**

SÉRGIO RODRIGUES DE SOUZA

“De todos os sentimentos que poderia sentir por você..., só consigo sentir sua falta” (Raymond Reddington. *The black list*, 2020. [Temporada 7]).

“O texto foge do clichê dos textos melosos sobre amar o que não se tem mais ou o que nunca teve. O texto começa seco, frio... Parece um laudo médico mais elaborado no sentido de tentar explicar-se; depois aquece e tem um tom de paixão, fome. Uma parte é até bem sexual, mas passa rapidamente dando ar de interrupção. É um texto claramente masculino e até viril. Parece uma confusão de pensamento de um homem que sente profunda saudade da presença física da mulher. Um texto de solidão. Um texto que dá um monólogo se fosse orientado por um dramaturgo.”

Ana Rita César Lustosa - Mestranda, PPGA - UFES, 2021.

Saudade sem fim?!

Me pergunto por qual motivo saudade deveria ter fim, afinal, o fim da saudade, entendido como um ponto final nesta condição de angústia, representa a satisfação do desejo de rever o objeto amado, na melhor das hipóteses, ou o esquecimento deste mesmo objeto, isto sendo pensado pela via da pior das hipóteses. Portanto, quando este sentimento extremamente complexo, ao qual deram o sutil nome de saudade, persiste sem fim, é porque nenhuma das duas situações aconteceu.

Há quem afirme que o seu fim colocaria término em um tipo estranho e singular de dor, esta que suprime o ar que se respira, aperta o peito e desperta suspiros, estes que Lou-Andreas Salomé questionou aonde eles iriam...

Esta é uma questão delicada, porque se a saudade está sendo definida como sem fim, presume-se que aquele que ama não sabe aonde se encontra o objeto amado e, por vezes, nem se encontra no mundo dos vivos ou dos mortos, logo, não é possível saber aonde vai o suspiro exalado pelo amante apaixonado.

Esta é a pergunta que me faço todos os dias, antes de dormir e ao acordar, porque a saudade é tão grande que a ideia de perder-me no reino dos sonhos e não te ver neles já causa uma dor terrível e pela manhã, quando desperto, desejo, pelo menos, ter a esperança a ferir minh'alma por sua falta, porque desta forma, seguindo os princípios dos antigos gregos da Era Clássica, sei que continuará viva e presente em algum lugar, ainda que seja unicamente em meu pensamento. Mas, que isto importa? Nada disto me traz de volta a sua presença... e a saudade continua... sem fim!

Se você pudesse me dizer do que, especificamente, eu deveria sentir saudade, creio que seria mais fácil; no entanto, sem esta orientação que seria ridícula, porque tudo que se liga a você me faz sentir uma vontade enorme de rever ou de viver novamente, caso fosse possível.

Saudade sem fim de seus lindos cabelos esvoaçando pelo vento e que a lembrança desta imagem gravada em minha memória, até hoje me enche de ciúmes deste ente que não conseguimos ver ou tocar, mas que nos toca, nos fere no mais profundo recanto da alma.

Saudade sem fim de seu sorriso maravilhoso, que contrastava a inocência de sua beleza com a exuberante selvageria de seus lábios vermelhos encantadores semelhante ao sangue borbulhante em minhas veias ardentes.

Saudade sem fim do que você representa para um eu que não sabe o que ele mesmo representa em um mundo vazio que se tornou, agora que estou sem você, carregando um *pathos* estranho que todos os meus amigos dizem que é saudade; no entanto, eu não sei do que se trata, só sei que me faz sentir uma porção de coisas que eu não gostaria de estar sentindo.

Saudade sem fim que me faz escrever sentimentos no tempo presente quando deveria fazê-lo sempre no tempo passado, porque por mais que sua lembrança esteja aqui, do meu lado, o máximo que consigo ver é uma imagem sua conservada de modo intacto em meus pensamentos, em minha memória que, se não sofre ação do tempo, torna-se falsa, correndo o risco de me trair no instante em que, por um milagre me veja diante de você uma outra vez, porque ainda que o cruel, impiedoso e sarcástico tempo não tenha poder para adulará-la em meu pensamento, detém poder

para fazê-lo sobre o modelo que tornou possível a elaboração de sua escultura.

Então, por que necessito sentir uma saudade sem fim? A resposta é que no dia em que creia que ela possa ter um fim, serei traído por meu orgulho e outros sentimentos e nada mais terei que experimentar que não seja suspirar e descobrir, de modo muito brutal e violento que, mais de um século depois de Lou-Salomé lançar o desastroso desafio de querer saber aonde vai o suspiro despertado pela saudade, eis que percebo, para minha tristeza, que ele não ia até onde você estava; ia até onde a minha lembrança, aquela que me enchia de prazer e de alegria, estava e de lá não sairia jamais.

De quem sinto saudade?

Da mesma maneira que este suspiro me encaminha até um vazio que me encanta, porque lá eu posso te encontrar, aquela que ainda amo em silêncio profundo. No entanto, este mesmo espaço é uma tortura que se repete, porque você não está lá; nunca mais estará e mesmo que possa me iludir acreditando que a lembrança de sua imagem tenha o poder de me trazer alguma felicidade até esta é uma negação da realidade, o que conduz, por fim, a que não amamos mais que um desejo latente e para piorar o que já é muito dramático, como possuímos uma imagem e uma forma espiritual da figura amada em nosso pensamento, o que esperamos é que, ao reencontrá-la, tudo esteja como sempre foi e quanta decepção não nos acomete ao percebermos que o outro não o que pretendíamos que fosse?! Porque é assim que funciona; o sentimento que domina não é o de que se possa encontrar quem amamos no presente, mas quem, nós, algum dia, amamos e que somente permanece viva em nossa memória, uma imagem construída à doutrina do nosso desejo.

A saudade não é nada mais que a expectativa de reencontro com a figura amada e perdida, pro razões diversas ao longo da existência. Nenhum amor é eterno para além do tempo que dura. Para alguns pode ser muito difícil compreender esta expressão e passem a acreditar que esteja carregada de pessimismo; mas, ao contrário, porque pode não durar a questão do amor partilhado, dividido a dois, sem que isto imponha sobre qualquer das

partes a obrigação de lançar no esquecimento o outro, por causa do fim de um relacionamento. Como diz Peter Parker, ao editar suas memórias sobre a Inesquecível Gwendolyne Stacy, “as lembranças são minhas e se eu decidir que irei me lembrar de tal forma, assim será”¹ e não poderia estar mais certo em sua colocação.

Sentir saudade não está vinculado ao fato de evocar a lembrança da figura ausente, perdida, a todo instante em público; todo um processo de cuidado em manter a paixão em algum dos palácios da memória² deve ser realizado com todo o esmero para que não se perca o caminho até ele. O risco que se corre é que, aí aprisionado neste palácio, a tendência é que seja castigado com a invulnerabilidade ao arado do tempo, que não consegue atuar sobre a imagem e a personalidade do objeto, criando sempre uma ilusão de que permanece tal e qual a conheceu.

Por mais que tente conferir-lhe um novo rosto e uma nova imagem, tudo não passa de uma trapaça da mente e, no fim, o que se tem é o mesmo rosto, a mesma estrutura e as mesmas palavras, frases, filosofias que faziam parte da rotina de vivência, os mesmos gostos e, como já afirmado antes, não há como enganar o pensamento na tentativa de dourar uma pílula que é, em sua essência, determinada em preto e branco e que, com o tempo, se torna acinzentada, porque as fronteiras se embaralham, conferindo a aparência de uma nova cor, quando não é nada mais que a mistura entre a ausência de cores e a fusão de todas as cores.

E, por que as cores vivas e alegres vão se desaparecendo, deixando tudo em tons de cinza prateado? Mesmo que a saudade continue a dilacerar o coração

¹ Peter Parker. *Homem-Aranha*: Blue. Marvel Comics, 1987.

² Expressão criada por santo Agostinho de Hipona (354-430), em seu livro *Confissões*, escrito entre os anos de 397 e 398.

repleto de amor, nem mesmo assim, deixa-se de ser impactado pela violência do acinzentamento das melhores lembranças... Este fenômeno faz com que muitos indivíduos apaixonados acabem entrando em crise, porque começam a acreditar que estão deixando de amar suas paixões e, esquecem o sentido de toda condição amorosa como uma parte essencial da existência e não da vida em si. Quando se perde a noção da linha que divisa ambas tem-se uma condição de perda da razão e da lógica, entrando na próxima estação que se chama loucura e tomando o bonde que conduz para um local obscuro e sem sentido: o nada!

Quem aí chega só sabe que não terá mais com que se preocupar, porque não existe alguém ou alguma coisa que possa alimentar a paixão pela vida e é aqui que se chega ao entendimento de que a saudade é a maneira mais sublime de se manter viva toda uma tradição de sentimento profundo, [quase] insubstituível, indelével à natureza humana. É uma forma de se sentir vivo, de estar, realmente vivo!

A saudade esconde aquele desejo de reviver situações de felicidade que nos atravessaram em determinados momentos da existência, especialmente quando sentíamos vulneráveis e a situação vivida representou um valor incomensurável. Mas, por que esconder? Esta é uma pergunta interessante, porque se o expõe, o objeto amado arauto de toda a sorte de suspiros se torna público e, ao ocorrer tal coisa, tem-se uma possibilidade de se perder a sua soberania sobre o mesmo. Portanto, saudade é um sentimento que se sente de modo isolado, até mesmo porque aquele a quem ousar dividir este sentimento tenderá a sentir-se diminuído diante de um fantasma e, em pouco tempo, todas as virtudes que a ela se desdobrava são transformadas em vicissitudes, sendo cada

uma das lembranças maculadas com o ácido da inveja alheia.

A complexidade semântica do vocábulo Saudade

A semântica é um campo de estudos que se aprofunda em buscar os sentidos que estão na formação dos vocábulos, desde seus conceitos e distinções mais intrínsecos, envolvendo os significantes das palavras e não somente o seu significado. É neste sentido que seu estudo está fundamentado em uma vertente epistemológica transdisciplinar, considerando que tudo aquilo que vai ser encontrado se revela como algo novo e capaz de fomentar o surgimento de conceitos mais amplos sobre o objeto analisado.

A palavra *saudade*, originária da Língua Portuguesa coloquial foi elevada à condição de termo clássico da Língua, devido ao seu extraordinário e singular poder de reunir, em um único vocábulo, toda uma gama de sentimentos que, em outro espaço léxico, que não o da língua vernácula portuguesa, ter-se-ia, nada mais que uma profusão de conflitos, estes que não possibilitariam o alcance do sentido necessário para uma construção intelectual do termo.

Aliado à questão do vocábulo, tem-se a formação cultural do brasileiro, que devido à miscigenação de raças e uma determinada elasticidade com relação aos costumes, por parte dos portugueses, sempre receptivos ao que poderia agregar valor ao seu patrimônio, muitas expressões e palavras dos imigrantes africanos [*que foram trazidos para cá, na forma de escravos*] foram agregadas ao léxico à medida que uma nova nação ia se formando.

Um outro detalhe interessante é que os portugueses que vinham para as terras brasileiras eram, em sua maioria, analfabetos, não dominando um Português Clássico e, com

isto, muitas palavras que eram de origem afro e nativas dos povos indígenas foram sendo anexadas ao vocabulário coloquial, com interpretações e conceitos que jamais se veria em outras línguas e culturas.

De maneira específica, com relação à palavra saudade, a cultura que se formou, em território brasileiro, de nostalgia e melancolia, em relação à Pátria-Mãe, não apenas por parte dos africanos, como também por parte dos portugueses aqui exilados, conferiu a ela, a tonalidade singular que carrega até os dias atuais, mostrando-se [quase] impossível de ser traduzida para outros idiomas e, diga-se de passagem, nem mesmo o seu radical pode ser encontrado em outras línguas e culturas, mortas e/ou ainda expressas.

Traduzir um vocábulo para outro idioma, implica em conferir-lhe uma raiz semântica idêntica ou muito próxima àquele que o representará, neste e, o que faz a palavra portuguesa saudade ser tão única em sua representação é que sua estrutura linguística é a expressão de um amálgama, de um conflito que devorava o espírito dos indivíduos naquele momento histórico da colonização do território brasileiro.

Toda língua possui seu conjunto de vocábulos que são compreensíveis somente dentro de sua cultura particular. Estas palavras de caráter singular representam uma construção linguística ímpar, porque pode trazer em seu bojo uma gama de sentimentos cada qual mais complexo que o outro e para os quais não se conhece uma forma concreta de explicação. Pode-se compreendê-los, porque pela expressão facial e demonstração de condição de espírito, pode interpretar e até mesmo sintetizá-la; mas, ainda assim, continuam sendo figuras abstratas.

Quando argumento com a condição de que são figurações abstratas, quero dizer que podem ser interpretadas por qualquer um a seu modo e nível de intelectualidade, não havendo uma configuração específica que marque a dimensão concreta do objeto em estudo. Isto é uma peculiaridade de uma cultura e não necessariamente de uma língua. Isto coloca a potencialidade de interpretação do significado do vocábulo dentro de um contexto, onde este deve ser analisado e a conjuntura da situação é quem será capaz de defini-lo.

A palavra saudade é um destes elementos que representa uma série de outros elementos [*concretos e abstratos*] e que, ao expressá-la, tem-se uma variedade de possibilidades de presunções, indo desde a tristeza até o desejo volitivo de vivenciar a situação que não está mais disponível, no entanto que já foi experimentada, vivida e vivenciada, ao menos, uma única vez ao longo da existência e que, deixou uma marca indelével de prazer e de felicidade.

Esta situação já mostra que a saudade é um significante, ou seja, dentro da cultura portuguesa e não dentro da Língua Portuguesa, ela assume várias posições tornando-se uma expressão polissêmica e *multissensum, pluri-pathológica*, porque sua gama de sentimentos intrínsecos, marcados pela ausência do objeto de paixão ou da situação experienciada, não se tratando exatamente de uma condição amorosa, mas de bem-estar espiritual, de um tempo, de uma vivência, o que explicaria a sua vinculação semântica com nostalgia e ao referir-se a um amor, estar vinculada diretamente à angústia e à melancolia.

Carolina Michaëlis de Vasconcellos (1851-1925) descreve-a nos seguintes termos: “[Saudade é a] lembrança de se haver gozado em tempos passados, que não voltam mais; a pena de não gozar no presente, ou de só gozar na

lembrança; e o desejo e a esperança de no futuro tornar ao estado antigo de felicidade.”³

A autora já deixa patente que, a saudade traz em bojo, o sentimento de expectativa de que o objeto de felicidade possa voltar a existir, de alguma forma, e se, por acaso, isto não se possa concretizar, fica a felicidade de ter vivido, de modo intenso, uma situação que o permitiu ser feliz e que, somente a distância do fato, possibilitou-lhe compreender a dimensão da sua felicidade com aquela ocorrência.

Uma coisa interessante sobre a saudade é que, sendo uma construção psicológica humana, não há como acabar com ela, porque esta é uma regra da Física e da Psicologia, de que, quando um objeto passa a existir, ele jamais deixa de existir, não importando que seja um pensamento ou a falta de algo [*concreto ou abstrato*], como o sorriso de alguém, as palavras, a força, a companhia ou mesmo o sentimento desperto por um determinado objeto pessoal. Sendo assim, porque continuamos a utilizar a expressão que, ao fazer tal coisa, matamos a saudade existente, como se, com isto, ela fosse deixar de existir ou mesmo de nos perturbar com sua ânsia de satisfação egóica?

O que se consegue, com esta hipótese, é uma satisfação de um desejo manifesto; mas, no íntimo, o vazio provocado e/ou despertado pela insatisfação continua tão poderoso quanto antes, sem que se possa suprimi-lo. No entanto, quase sempre, saudade se confunde com vontade de ter de volta o objeto que desperta em nós a paixão pela vida, pela alegria, aquela ânsia de *poder* ser feliz, mesmo

³ VASCONCELLOS, Carolina Michaëlis de (1851-1925). A saudade portuguesa, divagações filológicas e literar-históricas em volta de Inês de Castro e do canter velho “Saudade minha - quando te versia?” [Obra publicada, originalmente, em 1914].

sabendo que isto tem um custo e que os caminhos de todos nós apenas se cruzam e, por um determinado tempo, seguimos juntos, na ilusão de que aquela companhia será eterna. O que interessa não é a companhia em si, mas os sentimentos que ela desperta em nós e é disto que sentimos falta e esta carência, misturada com um sem fim de outros sentimentos confusos e inexplicáveis é representada, por nós, luso-brasileiros, sob a epígrafe um único equivalente semântico, para o qual conferimos o nome de Saudade e que, dada a complexidade cultural de nosso povo, nunca se sabe se esta é motivo para alegrias ou para angústias, porque pode-se afirmar sentir saudade de algo e ter-se um esplêndido sorriso aberto no rosto ou uma máscara de dureza, como se tudo aquilo não representasse mais que uma ilusão que se fazia crer real, de alguma forma misteriosa. Por outras vezes, um suspiro, solto em meio a um diálogo sobre acontecimentos distantes pode ser interpretado como a dor provocada pela ausência do objeto amado, sem que se expresse, através de palavras, qualquer coisa neste sentido.

Sobre a questão da incompatibilidade semântica com outras línguas

De todas as línguas, consideradas como românticas, a Língua Portuguesa falada no Brasil é a mais romantizada, possivelmente pela influência de diversas etnias africanas e espanhóis que aqui aportaram e foram conformando a estrutura da expressão linguística, dando origem a uma língua distinta daquela que representava o idioma oficial [*no caso, o Português da Coroa Lusitana*], fazendo com que surgissem expressões idiomáticas e mesmo vocábulos intransponíveis a outros idiomas e o vocábulo *saudade* tem sido o mais representativo.

A empresa britânica *Today Translations* promoveu uma listagem das palavras mais difíceis de se traduzir adequadamente, com as opiniões de mil tradutores profissionais, onde *saudade* granjeou o sétimo lugar.⁴ Esta lista foi publicada pela BBC Londres, no ano de 2003.

O que chama a atenção nesta expressão é o fato de se afirmar a dificuldade para se traduzir vocábulos de um idioma a outro, *adequadamente*, como se fosse possível realizar tal façanha, a começar que em latim, existe uma expressão idiossincrática: *Tradutore, traitore!*, cabendo a necessidade de uma noção hermenêutica da expressão latina *traitore*, que deve ser entendida como adúltero, que provém do latim clássico, *adulterare*, significando falsificar, ou seja, o sentido atribuído no idioma para o qual se realizou a tradução nunca é literal ao qual de onde se extraiu a palavra, *i.e.*, não existe um correspondente semântico linguístico universal.

⁴ Saudade é a 7ª palavra mais difícil de traduzir. Londres: BBC, Junho de 2003.

A Língua Grega e os filósofos gregos, obviamente, junto com todo um arcabouço léxico, nos legaram um sem fim de vocábulos que não encontram correspondente semântico universal e isto produz um incontável número de erros interpretativos no campo epistemológico. Morte, por exemplo, para o grego da Era Clássica é interpretada como esquecimento, *Lettes*, [*cair em lettes*] e não necessariamente a perda do sopro vital. A palavra *Pathos* é outra e tão complexa que Moisés a coloca nos seus textos como algo profundo, um sentimento poderoso, incontável, para o qual não se conhecia os limites e foi traduzida como *paixão*. Escreve ele em GEN. 3,16: “(...) E a paixão te arrastará para um marido.”

Com a palavra amor, pode ter sido um pouco diferente, porque o Cristianismo criou um representante semântico universal que expressa o sentimento em si que este vocábulo carrega. Com a palavra Rosa deu-se, praticamente, a mesma coisa, porque em 12 línguas distintas, a palavra é *rose*, anagrama de *Eros*, o deus grego do amor. Assim, não é a palavra que se consegue traduzir adequadamente porque é de fácil interpretação linguística, mas pelo fato de representar um epigrama universal, estando esta flor, de origem chinesa ligada ao sentimento romântico e à pulsão erótica.

Com a palavra da Língua Portuguesa Brasileira *saudade*, ocorreu que ela tornou-se ainda mais polissêmica quanto à profundidade e à extensão dos sentimentos, por ela expressados, por si só, expressando uma gama de sentimentos diversos de intensidade bastante elevada e que encerram um conjunto de outros vocábulos, podendo ser interpretado como o desejo de reviver algo que desperta emoções positivas nos indivíduos, quando tomados, possuídos por ela. E, paradoxalmente, desperta, também,

emoções negativas, como a raiva, elevada pela impossibilidade de realizar ou de atingir o desejo que consome o espírito e nisto, o que resta é tão somente a insatisfação e a impotência ante dois entes poderosos: a saudade e a realidade posta, porque a primeira não deixa de lacerar a alma do infeliz e a segunda, não se transforma ao sabor da necessidade de quem quer que seja.

O que se vê, expresso na singularidade do vocábulo em si, é que esta condição está vinculada a uma situação estritamente cultural, sendo criada a partir de uma experiência que atravessou todo um povo de tal forma que o sentido da mesma não, necessariamente, perpassa pelo consenso do dicionário formal da Língua, mas é algo que se torna e se expressa de modo subjetivo em todos os falantes da Língua, transmitido de maneira intersubjetiva e absorvido pela mesma forma. E, o mais interessante é que, quando alguém é tomado por ela, todo um conjunto de ação endocrinológica entra em funcionamento, criando uma tremenda confusão no pensamento e no espírito do indivíduo saudoso.

Safo, de Lesbos, René Descartes, já haviam descrito estas emoções, junto com toda a produção hormonal que se segue e a Grande Musa da Poesia Lírica Grega, deu o nome de *Desejo Intenso*; isto porque ela relata em seu poema lírico *À Átis*, que se desequilibra emocionalmente, ao ver a sua amada [*mesmo que por um instante*]; o segundo os nomeou como *Paixões da Alma*; possivelmente, outra barbárie do tradutor, porque o mais coerente com o pensamento do filósofo seria dizer *Sentimentos Profundos da Alma*.

Joaquim Nabuco (1849-1910) argumentava que o vocábulo saudade, embora seu sentimento seja universal entre os povos, pois todo ser humano tem a capacidade

para compreendê-lo e senti-lo, somente a Língua Portuguesa possui a capacidade de expressar um sentimento de extrema densidade e conteúdo em apenas uma única palavra.⁵

Erra o grande pensador, ao afirmar que o sentimento de *saudade* seja universal entre os povos, porque não se está falando de um significante universal e sim, especificamente de um que possui uma significação singular, capaz de expressar uma constelação filogenética de uma cultura única e que, para angústia de todos os outros povos, especialmente, os lusitanos, esta cultura que se expressa é a Brasileira e não, necessariamente, a Lusitana. Tudo leva a crer que, quando compreenderam a dimensão gnosiológica do termo, tomaram-no de assalto e o anexaram ao léxico do Português Lusitano. Mas, ao retomarmos a discussão, tem-se que, em nenhuma outra língua e, por extensão, em nenhuma outra cultura, existe uma palavra que possa ser tão completa quanto à expressão do amálgama existencial humano e, ainda assim mostrar-se tão complexa quanto à sua dimensão epistemológica e tão simples, quanto à sua compreensão, o que faz dela, o maior paradoxo linguístico já produzido pelo intelecto humano. Isto seria verdade, caso ela pudesse ser compreendida, exclusivamente, dentro do escopo linguístico da Língua Portuguesa, o que não é, exigindo, para seu estudo e aprofundamento, o que permitiria uma aproximação com um entendimento mais amplo, o estudo semântico-antropológico do principal povo e que mais contribuiu para a formação étnico-filogenética do povo brasileiro.

⁵ NABUCO, Joaquim. *Camões: the lyric poet*. Conferência realizada no Vassar College (USA), em 21 de abril de 1909.

Eis que alguém pode inquirir a partir do seguinte problema posto: Se outras nações também tiveram a inserção de africanos em suas terras, nas mesmas condições de diáspora, em que não poderiam mais voltar às suas terras de origem, porque este fenômeno linguístico-filogenético que ocorreu com o vocábulo saudade somente vem a acontecer em nações de colonização lusitana?

A resposta mais aproximada a uma explicação plausível de ser aceita nos é dada por Gilberto Freyre (1900-1987), onde explica que o povo português possui uma estrutura personológica mais elástica e esta postura favoreceu um contato mais amplo entre colonizador e colonizado, aproximando-os e promovendo uma troca simbólica de costumes e outras formas de [se fazer] cultura. Não houve resistências estritas com relação aos africanos, especialmente, com relação à língua e neste processo, a Língua Portuguesa Lusa foi sofrendo inserções do idioma falado pelos afro e pelos afrodescendentes até que não se sabe mais se foi o Português que fora africanizado ou o Língua Afro que fora aportuguesada. A Academia Portuguesa e os escritores lusitanos tentaram fazer sua resistência ao novo idioma que surgia no Brasil, chamado a língua falada no País, pejorativamente, de *Pretuguês*⁶ [que pode ser interpretada como uma tentativa de aportuguesamento da língua nativa afro]; mas, estava muito além disto e a argumentação sórdida destes eruditos demonstra a percepção de que a Língua Portuguesa Oficial tenderia a desaparecer do cotidiano popular, surgindo uma nova estrutura linguística e, corria-se o risco até mesmo de ganhar os campos oficiais das Literaturas vernáculas, o que já vinha ocorrendo, através de alguns escritores clássicos expoentes brasileiros.

⁶ A este respeito *vide* Carlos Alberto Faraco.

Nos países de cultura de Língua Francesa e Língua Saxônica, a interação entre os africanos e os dominadores foi mais distante, havendo imposição severa sobre suas respectivas culturas locais, o que não possibilitou este incremento cultural-filogenético de alguns termos linguísticos e léxicos de origem africana. Nas nações de colonização portuguesa, estes vocábulos e expressões e mesmos vários costumes foram absorvidos e agregados à língua oficial do Império e, posteriormente, considerado como elemento constituinte desta.

J. A. Tobias classifica toda a gama de sentimentos que representa o estofo linguístico do vocábulo saudade de amores e, que em sua constelação foram vividos em toda sua plenitude e que, por algum motivo desconhecido, conheceu seu fim, sem que algum deles pudesse se conciliar com a ideia e nesta incapacidade de ajuste, terminam por manter vivo todo um conjunto de forças emocionais que se imbricam, formando um tipo de *Pathos* que somente existe na Literatura vernácula portuguesa e na mesma Língua.

Há que se considerar que esta construção linguística pode ser considerada como o feito mais extraordinário já realizado pelo homem, desde que desenvolveu a fala articulada e passou a expressar-se através de palavras. Mesmo os gregos, com todo o seu séquito de vocábulos complexíssimos e que fazem referência a um conjunto de coisas naturais, a maioria delas exteriores ao homem não foi capaz de criar um vocábulo de tão exaltado romantismo que representa em seu bojo todo um estofo humano, demasiado humano!

J. A. Tobias revela que, “cristalizar o sentimento desses múltiplos e diferentes amores numa só palavra (...) é trabalho de séculos, realizados por uma única gente, as

nações de língua portuguesa e pelo povo da Galiza.”⁷ E, A. B. de Castro utiliza, em suporte à sua tese, uma frase de seu conterrâneo A. Garret: “É porventura o mais doce e delicado termo da língua. A ideia, o sentimento por ela representado, certo que outros países o sentem; mas que haja vocábulo especial para o designar, não o é de nenhuma outra língua senão da portuguesa.”⁸

Esta colocação, tão efusiva do autor, desconsidera que a Língua Portuguesa Lusitana, que pode ser chamada de primitiva sofreu forte influência dos povos que foram colonizados pela Coroa Portuguesa e isto provocou uma romantização muito acentuada do idioma, especialmente no Brasil, não somente no sentido de sua fluência sonora, pelo uso de pronomes, próclises em lugar de ênclises, mas mesmo no ritmo do *pathos* que se encerra em sua categoria filogenética.

Levi-Strauss, em sua obra, *Mito e Significado*, argumenta que o isolamento dos povos em relação a outros foi o que representou o seu maior potencial para o desenvolvimento intelectual, porque como não podia contar com ideias importadas, nem sofrer influências de culturas e costumes destes, cada qual teve que mostrar-se criativo e produzir elementos que o auxiliassem no enfrentamento das dificuldades e desafios postos.⁹ Com isto, também surgem os dialetos próprios e singulares.

Com o Brasil, não poderia ser diferente e a miscigenação de raças e de pensamentos, culturas, situações, tudo isto aliado ao isolamento quanto à Coroa,

⁷ TOBIAS, José Antônio. *A saudade: ideia ou sentimento*. São Paulo: AM Edições, 1997, p. 39.

⁸ CASTRO, Antônio Borges de. *Saudade* (ensaio); Etimologia (árabe); Significação; Antologia. Lisboa: Tipografia Nunes, 1985, p. 2.

⁹ A este respeito, vide LÉVI-STRAUSS, C. *Mito e significado*. São Paulo: sobotagem.net, 2016. [Obra publicada, originalmente, em 1978].

em que as Capitanias exploradas estavam, literalmente, muito distante de toda a burguesia que se cria intelectualizada à época, a mistura de idiomas, dialetos, expressões e costumes foi o que gerou uma língua e uma cultura singular, postas [*ambas*] à margem, no que lhe interessou, pela [*chamada*] cultura erudita portuguesa.

Talvez a expressão *isolamento em relação à Coroa*, possa vir a parecer um exagero, o que, quando se analisa mais de perto, não o é. Vila Rica, a atual Cidade de Ouro Preto, por exemplo, estava no meio do mato, cercada por florestas e terras inférteis, com um bando de maltrapilhos famintos, a uma distância de 14 dias de viagem até o porto do Rio de Janeiro e uma condição de morte certa no trajeto.

De uma forma muito sutil, todos que habitavam a região de Vila Rica estavam escravizados, confinados a uma situação em que não podiam sair sem incorrerem em riscos sérios de vida. E foi, especialmente, esta condição de vida precária e que colocava a todos na mesma situação existencial de decadência que aproximou os habitantes daquela região da Capitania de Minas Gerais a desenvolverem uma língua quase que inovadora, fazendo com que a Língua Oficial da Coroa recebesse inúmeros outros vocábulos e expressões que a tornou tão peculiar e, pode-se deduzir que o mesmo haja ocorrido nas outras regiões do Brasil, em que as cidades [*vilas*] que surgiram estavam isoladas do que de fato ocorria e tudo o que se vê refletido nos quadros, nas gravuras, nas imagens e nos textos, não é nada além do reflexo distorcido da imaginação dos poetas e historiadores.

A condição de isolamento social e existencial não é algo que afetou somente aos africanos que para aqui foram trazidos, levando-os a criar um termo que expressasse uma condição espiritual conflituosa, entre o que não poderiam

mais ver e tocar e ainda assim, mantinham vivo o desejo, mesmo ao custo da sanidade e de lágrimas na chuva. Os próprios brasileiros, aqueles que nasceriam aqui, filhos de africanos e de europeus passaram a sofrer do mesmo mal, porque algo estranho aconteceu com a nação, especialmente, após o início da corrida do ouro.

O que pode ter ocorrido, com a formação destas inferências no idioma oficial da Coroa é que estes novos vocábulos, para os quais não se conhecia uma etimologia e uma estrutura semântica, ao chegarem a Portugal, foram ignorados pelos eruditos, a começar porque, como não sabiam o que significavam e temendo cair em ridículo, começaram a detratá-los para os seus iguais; mas, tarde demais perceberam que o povo, a grande massa os estava absorvendo e mais, uma nova raça estava se formando e esta adotava, de forma filogenética, estes novos hábitos linguísticos, porque era uma construção, endogenicamente autêntica, de uma nova estrutura étnica e que, somente em *Tierras Brasilis* poderia se formar, por motivos singulares.

Oswaldo Orico afirmou que “nenhuma palavra traduz satisfatoriamente o amálgama de sentimentos que é a saudade. Seria preciso nos outros países a elaboração de um conceito que também amalgamasse um mundo de sentimentos em apenas um termo.”¹⁰

Uma palavra que, possivelmente pudesse aproximar-se um pouco mais é *melancolia*, que era entendida, até recentemente, na literatura médico-psiquiátrica e nas artes românticas, como uma angústia profunda, mas que, mesmo assim, não equivalia em suficiência para expressar o sentimento de saudade, especialmente, porque o vocábulo transmuta de posição, passando da condição de agente que

¹⁰ ORICO, Oswaldo. *A saudade Brasileira*. Rio de Janeiro: Editora S/A a Noite, 1948, p. 12.

possibilita ao ser humano sofrer uma ação *pathológica* a agente que impõe um sentimento profundo sobre o mesmo ser.

Uma hipótese que aqui, agora apresento é a de que, a palavra *saudade* assumiu esta complexa dimensão semântico-cultural devido à presença dos africanos em solo brasileiro, em que suas expressões linguísticas ajudaram a tornar a Língua Portuguesa oficial da Coroa, na Língua Portuguesa Oficial do Império e, por fim, na Língua Portuguesa Oficial Brasileira, muito mais romântica, mais sentimental e isto se deve a uma condição peculiar da colonização brasileira, em que os Africanos (homens, mulheres e crianças) não vieram para as terras de além-mar por sua livre e espontânea vontade. Foram trazidos à força e sem condição alguma de que pudessem, ao menos, crer que um dia poderiam voltar à sua terra natal.

A fim de dar sustentação à minha hipótese, J. A. Tobias afirma que, “no território brasileiro a [*palavra*] *saudade* aparece com mais força no Nordeste e em lugares como Bahia, Ceará, Minas Gerais, que em outras regiões como Santa Catarina e Rio Grande do Sul.”¹¹

Observa-se que, exatamente nos estados provincianos onde se exerceu com maior força a ocupação africana é que o referido vocábulo se apresenta com mais intensidade, em todos os aspectos artístico-literários e semânticos e onde os imigrantes europeus que aqui, aportaram, por sua livre e espontânea vontade ou correndo de *Mademoiselle Fome*, não foi tão exacerbado a expressão de sentimentos nostálgicos junto a outros que formaram a estrutura gnosiológica do termo, vinculado à *Physis humana*.

¹¹ TOBIAS, José Antônio. *A saudade: ideia ou sentimento*. São Paulo: AM Edições, 1997, p. 28.

Lógico que os Lusitanos jamais irão admitir tal coisa, que todo o brilhantismo de um vocábulo, que pode ser interpretado e sintetizado como um patrimônio singular, exclusivo da Língua Portuguesa Vernácula foi construído, em sua conjuntura semântica, a partir de um conjunto *pathológico* expresso por um povo que estava subjugado. No entanto, o estudo antropológico-semântico aplicado ao termo, conduz a esta condição silogística, porque agregado à palavra, muito além desta dor de distanciamento, perda, solidão, ansiedade, desejo, está a expectativa [*esperança*] de que a vontade guardada no espírito possa ser satisfeita.

Um detalhe que pertence ao aspecto cultural africano é a forma que utilizam para definir situações complexas de sentimentos em uma única palavra ou expressão. E, esta é uma herança cultural que o brasileiro absorveu filogeneticamente e continua a executar, sendo muito difícil de romper, porque age de modo tão subjetivo e inerente à sua construção intelectual que tudo parece ser assim mesmo e, o que prova ser um aspecto da cultura assimilada de modo filogenético é que todos [*ou quase*] todos aceitam esta forma de expressão sem questioná-la e ocorre, ainda que, quando questionados, há aqueles que se exaltam com o inquiridor.¹²

¹² A fim de compreender, com mais transparência, tal condição filogenética da cultura Africana, *vide* LÉVY-BRUHL, Lucien. *A mentalidade primitiva*. São Paulo: Paulus, 2008.

Saudade e intelecto abstrato: os animais sentem saudade?

Sentir saudade é um sentimento tipicamente humano, porque como já discutido acima, a sensação envolve uma gama de emoções cada qual mais complexa que a outra e, principalmente, deve estar vinculada à questão da mnemósine, havendo necessidade de um elevado grau de intelectualidade. Portanto, atribuir este tipo de sentimento aos animais é estar em situação de admitir o antropomorfismo, coisa que para qualquer cientista é estar se condenando a cair em desgraça ante seus pares.

O mais provável de acontecer é que os animais possuem uma capacidade limitada de memória, esta estando aliada a seu olfato e um grande instinto, o que em conjunto demonstra que podem ter algum sentimento [*que, com muito cuidado, pode aproximar-se de uma abstração, jamais de uma intelectualidade*] e na ausência do objeto humano com o qual formaram laços de convivência e harmonia podem até ter alguma expectativa de ausência deste e ao re-encontrá-lo, as sinapses mecânicas formadas em seu cérebro instintivo, como o cheiro, em especial, porque admitir que o tom de voz [*sozinho*] possa ser um ativador confiável é ir além do que se permite a lógica.

Na obra *Odisseia*, de Homero (928-898 a.n.e.) o cão de Odisseu o reconhece após 30 anos do desaparecimento de seu mestre e todos comentam que, desde a partida do seu Mentor que, jamais voltou a ser alegre e valente como quando em sua companhia. Se admitir que fosse saudade é uma situação de licença poética do autor, mas cientificamente, pode-se admitir que sentisse falta do tipo de aventura, perigos e segurança a que seu dono o submetia,

para em seguida oferecer-lhe um tipo de carinho que era único.

Impossível dizer que os animais sentem saudade, pelo simples fato de que eles não possuem linguagem falada. Este, o primeiro ponto. Na esteira, tem-se que mesmo que o vocábulo português exprima todo um conjunto léxico de outros vocábulos, esta exige um tipo de linguagem que se expresse de uma forma muito particular e mesmo apresentando uma singularidade não vista em outros elementos linguísticos.

A saudade exige abstração intelectual profunda, vinculada a uma condição filogenética, herança de povos em diáspora e depois de povos escravizados em conjunto pelas condições miseráveis de existência social, onde o máximo que podiam sentir era um misto de sentimentos inexplicáveis em relação a algo que haviam experimentado e que, somente a sorte e um milagre poderiam promover um novo encontro com esta mesma situação de vivência.

Isto tudo reunido gerou um vocábulo que tornou-se intraduzível dentro da própria língua, sem quaisquer condições de se construir uma estrutura semântica que o torne capaz de ser sintetizado em uma única outra palavra ou expressão léxica. Surge, assim, um termo que é uma constelação empírica de um estado de conflito espiritual, em que o seu possuidor se nega a aceitar sua condição como dada e acabada.

CONCLUSÃO

Buscou-se analisar, dentro do aspecto semântico, o surgimento do vocábulo *saudade* e tudo o que ele proporciona, em termos de predominância cultural e linguística, no contexto da Língua Portuguesa clássica, o que já configura como um paradoxo, uma vez que ela nasce do cotidiano dos povos que viviam e conviviam em Terras Brasileiras, durante o período colonial.

Toda a sua emblemática profusão de sentimentos evocados e interpretados, expressando dor, vontade de reencontro, angústia, melancolia, paixão, a expectativa sobre o que dizer quando do contato com o objeto de amor produziu uma das mais complexas palavras que a humanidade se deu a conhecer.

A profundidade semântica singular presente e despertada por este vocábulo é experienciado quando se debruça sobre sua interpretação e o que se encontra é um emaranhado de sentimentos, cada qual imbricado com alegria e tristeza, felicidade e dor, melancolia e expectativa de um rever.

Isto tudo reunido faz com que a Língua Portuguesa, a mais romântica das línguas românicas, seja atravessada pela necessidade de compreensão de seus termos, vocábulos, conceitos em uma visão transdisciplinar, o que fomenta a busca pela interpretação destes elementos, a partir de uma visão mais ampla e distinta, quanto ao que estrutura a cultura do povo brasileiro, para assim, poder aproximar-se de um entendimento de sua língua, proporcionando novas formas de ensino e de aprendizagem.

O Autor



SÉRGIO RODRIGUES DE SOUZA

Graduado em Filosofia e Sociologia. Psicanalista. Doutor em Ciências Pedagógicas. Pós-Doutor em Psicologia.



ISBN 978-659956926-5



9

786599

569265